

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SMITH, Bradford Kingsley. Bradford Kingsley Smith (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 25min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO FORD e FUNDAÇÃO FORD. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Bradford Kingsley Smith
(depoimento, 2012)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Levantamento de dados: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 12/01/2012

Duração: 1h 25min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória de um Office na periferia: o Escritório da Fundação Ford no Brasil”, desenvolvido em convênio com a Fundação Ford, entre janeiro de 2011 e julho de 2012, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos histórico-documental sobre os 50 anos da atuação da Fundação Ford no Brasil e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: AIDS(doença); Atentados de 11 de setembro (USA); Atividade profissional; Bolsas de estudo e de pesquisa; Brasil; Cooperação internacional; Ditadura; Estados Unidos da América; Finanças públicas; Fundação Ford; Fundação Getulio Vargas; Internet; Mídia; Organizações não governamentais; Perseguição política; Segurança pública;

Sumário

Entrevista 12 de janeiro de 2012: O nascimento na Califórnia; o início da carreira internacional no Young Men's Christian Association (YMCA); a formação em etnomusicologia; a ida para a Fundação Interamericana e o início do envolvimento com o Brasil; a expulsão da Fundação Interamericana do Brasil; a contratação em 1991 para a Fundação Ford como Program Officer na área de governance; a volta para Nova Iorque e a atuação como presidente do Foundation Center; a relação com Peter Spink e a evolução dos programas na área de governance no Brasil; a linha de projetos na área de transparência no orçamento; o trabalho com a Fundação Getúlio Vargas junto com uma rede de ONGs; os primeiros momentos na função como program officer; a importância dos consultores na Fundação e a atuação de David Plank e Edward Telles; a imagem da Fundação Ford no Brasil; a importância da diversidade para a Fundação Ford; a importância do programa sobre HIV-Aids do escritório do Brasil; o trabalho como representante da Fundação Ford; o apoio no campo de Segurança Pública e trabalho de Elizabeth Leeds; o programa de bolsas da Fundação Ford; o convite de Susan Berresford para a vice-presidência da Fundação; a atuação no programa de Paz e Justiça Social; a variação da questão política norte-americana e os impactos na Fundação Ford; o caso da Conferência de Durban e o impacto do 11 de setembro de 2001 na Fundação Ford; o uso da internet pelos grantees e pela Fundação Ford; a atuação profissional e a rede de contatos após a saída da Fundação Ford; a Fundação após a sua saída; o interesse do Brasil na cooperação internacional; o foco da Fundação Ford em mídia e internet; os casos de auxílio a perseguidos políticos durante a ditadura militar no Brasil.

Entrevista: 12/01/2012

L.O. - Bom. São Paulo, 12 de janeiro de 2012 e nós estamos aqui com Bradford Smith que foi representante do escritório da Fundação Ford no Brasil, entre agosto de 92 e abril de 96. Depois tem que conferir se isso está certo! Brad, um prazer enorme poder ouvir seu depoimento, suas lembranças e o que você tem a dizer, e nós gostaríamos de começar essa entrevista falando um pouco de dados familiares. Dados familiares e formação, um pouco antes da Fundação Ford.

B.S. - Certo. Bom, dados pessoais, nasci na Califórnia, mas fui criado em Nova Iorque e minha carreira internacional começou com YMCA¹, que é Associação Cristã de Jovens na Costa Rica. Depois me formei em etnomusicologia, eu quando me formei foi durante uma recessão, não tinha emprego, muito menos para etnomusicólogo. Fui para a América Central para visitar um amigo meu e acabei ficando cinco anos trabalhando, primeiro como voluntário, depois como uma espécie de estagiário, jovem profissional com a YMCA da Costa Rica. De lá eu fui para trabalhar na sede do YMCA em Nova Iorque, a sede internacional, e em 83 fui trabalhar na Fundação Interamericana e aí iniciou meu envolvimento com o Brasil, porque comecei a trabalhar... Interessante que a Fundação Interamericana ela foi expulsa do Brasil em 77, foi uma época de muita tensão entre governo dos Estados Unidos e governo brasileiro sobre direitos humanos, sobre tecnologia nuclear e houve uma série de acordos que foram rompidos entre os dois países e a Fundação Interamericana que era uma fundação ligada ao congresso americano, ela foi expulsa. Mas em 83 houve a perspectiva de voltar, o presidente da Fundação Interamericana naquela época era Peter Bell. Peter Bell tinha sido representante da Fundação Ford no Brasil, que fez uma doação muito importante que foi a primeira doação para a Cebrap², na época que ele era representante, mas ele era presidente da Fundação Interamericana na época, foi contratado e logo a Fundação Interamericana conseguiu voltar para o Brasil. Então aí realmente eu trabalhei no Brasil nos últimos anos da ditadura, os primeiros anos da Nova República com a Fundação Interamericana. Em 91 eu fui contratado pela Fundação Ford como *program officer*, como oficial de programas para uma nova cartela de projetos que era *governance*, uma palavra que nem tinha tradução realmente para o português. Às vezes foi

¹ Young Men's Christian Association

² Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

traduzida como governança que é outra coisa, como bom governo que também é outra coisa, gestão que ainda é outra coisa, mas *governance*. Depois de algum tempo, pouco tempo, menos de um ano, eu fui promovido para representante da Fundação Ford, mas continuei, minha atividade de projetos era nessa linha de *governance*. Atualmente vivo em Nova Iorque e sou presidente do Foundation Center, é um centro de informações sobre filantropia nos Estados Unidos e no mundo inteiro, de pesquisa e informação. De certa forma nós fazemos para a filantropia o que o Bloomberg faz para o mercado financeiro.

L.O. - Cobrir esta área também.

Técnico: Preciso dar uma pequena pausa... Está saindo o microfone... Está perfeito, só...

B.S. - Pode ser mais perfeito ainda.

L.O. - Podemos? Você falou da área de governança ou de política pública que é uma coisa que se diz, alias o Peter Spink aqui da Fundação de São Paulo, teve um programa gestão pública e cidadania...

B.S. – Exatamente.

L.O. - Que segundo ele foi resultado da sua conversa, uma confluência de interesses. Ao mesmo tempo ele disse que esse programa seria uma versão brasileira ou latino-americana do programa Innovation American Government Program, é isso mesmo?

B.S. - Exatamente. Foi interessante a evolução desse programa. Quando eu comecei a trabalhar no Brasil com essa carteira de projetos de *governance* foi uma época difícil no Brasil. Na primeira etapa da Nova República e a academia no Brasil tinha o que Thomas Skidmore, brasilianista, chamou de uma fixação no federal, porque vindo realmente da ditadura, a pesquisa que foi feita na área política, foi feito logicamente no governo federal, porque o governo federal mandava em tudo. E ao nível federal você só tinha uma série de escândalos, tinha o *impeachment*, tinha o escândalo de orçamento com os Sete Anões, ninguém explicava, mas como é possível que o Brasil, apesar desses escândalos, apesar da paralização a nível

federal, as instituições democráticas vão se fortalecendo e a participação também vai se fortalecendo. E se devia muito ao que estava acontecendo a nível local. Porque a Constituinte realmente mandou uma descentralização braba no Brasil, uma divisão da receita federal, da receita para os governos estaduais e locais. E estava havendo experiências muito interessantes a nível local, só que esses não estavam realmente entrando na literatura porque não estavam sendo estudadas. A outra conclusão que nós chegamos com a fundação, falando com muitos acadêmicos, com pessoas na política, com ativistas das ONGs, era que essa questão de *governance* no Brasil, não era só questão de oferta de administração pública, você também tinha que alimentar demanda, ou seja, a parte de *accountability*, pressão para ter cada vez mais transparência e mais impacto realmente do poder público. E tudo isso nos levou a uma série de projetos, de uma certa fiscalização por parte da sociedade civil sobre a ação do governo. Tinha uma linha de projetos que era transparência no orçamento; eu estava financiando várias entidades, o Ibase³, o Inesc⁴ em Brasília e outros, que estava fazendo acompanhamento do orçamento público. E com centro de pesquisa tipo Cebrap, Cedec⁵ e outros, Ippur⁶ no Rio, sobre estudo de caso, sobre tomada de decisão e experiências atuais de governo ao nível local para realmente tentar cultivar interesse nessa área. Eventualmente nós concluimos que para ter mais impacto era necessário tentar adotar um programa que tinha sido bem sucedido nos Estados Unidos, que tinha sido reaplicado em algumas outras partes do mundo como as Filipinas, outra parte da Ásia e também no Chile, que era sobre uma espécie de concurso nacional de inovação em governo. Foi muito interessante. Foi nesse ano nos Estados Unidos *exatamente* numa época em que a confiança do público no governo tinha chegado a níveis os mais baixos na história dos Estados Unidos. Foi durante o governo Reagan, houve muita crítica pelo próprio governo, pelo próprio presidente do governo, e o público americano não acreditava mais em governo. Foi lançado um programa junto com o Kennedy School na Harvard University, um concurso aberto para governos locais, nos Estados Unidos, submeter exemplos de projetos inovadores a nível local, sem ser especificado por área. Não era inovação a saúde, a coisa era inovação em *governance*, porque a ideia do projeto era mostrar que o governo sim

³ Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

⁴ Instituto de Estudos Socioeconômicos

⁵ Centro de Estudos de Cultura Contemporânea

⁶ Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional

pode funcionar numa sociedade democrática. Porque se você não admite isso, é muito perigoso para a democracia. Foi feito com o Kennedy School em Harvard, porque é uma faculdade de políticas públicas. O Harvard coordenou uma rede de centros universitários de políticas públicas, ao lado do concurso que dava um prêmio para os melhores exemplos de *governance* a nível local, produção de material didático para o ensino de políticas públicas nesses centros de excelência nos Estados Unidos, começando por Harvard. Quando começamos pensar como realmente adaptar esse programa para o Brasil, enfrentamos vários desafios. Primeiro, falamos com várias ONGs, com várias universidades, com faculdades de ciência política, concluimos que as faculdades de ciência política eram muito teóricos, isso era uma coisa muito aplicado. As ONGs tinham uma coisa muito mais ativista nisso, e ainda estavam na transição de como é que se muda de criticar o governo, denunciar governo para uma postura muito mais de ser parceiro e colaboração. E outra coisa que ninguém queria usar esse conceito de inovação. Achavam muito americano esse negócio de inovação, essa coisa também de escolher quem vai ganhar, quem vai perder isso é muito americano. Finalmente chegamos a Fundação Getúlio Vargas, aqui em São Paulo, para coordenar o programa e trabalhando junto com uma rede de ONGs, como Polis, por exemplo, os que trabalhavam sobre questões de governos municipais, estaduais, e tiveram um ponto de vista interessante. Falaram: “Olha, depois de anos de ditadura e anos realmente de um governo que de certa forma o interesse público não estava muito evidente, se o governo fizer o que deve fazer, já seria inovação.”. Então acho que o concurso aqui deve ser sobre gestão e cidadania. Um pouco incorporando o conceito de cidadania ativa, que participa, fiscaliza, contesta, dialoga, coopera com o governo. Foi lançado o programa no Brasil, houve um chamado nacional para experiências com alguns critérios, tinha que ter pelo menos um ano de vivência, porque no Brasil como em outros países você tem muitas vezes, alguém anuncia que vai fazer alguma coisa e não faz, então realmente tinha que ter algum *achievement*. Eu lembro, na primeira premiação que foi feito, uma pesquisadora veio para mim, foi aqui em São Paulo, e chorando, e ela falou: “Olha, eu nunca imaginava... Minha vida toda eu passei estudando governo no meu país, mas eu nunca imaginava que tanta coisa boa estava acontecendo no meu país.”. O que esse tipo de concurso *conseguiu descobrir* de experiências locais foi uma coisa impressionante.

H.A. – Agora, você como *program officer* quando você entrou na Fundação Ford como *program officer* de *governance*, para você chegar à conclusão que precisaria ir por esse

caminho, como é que foi? Você já estava no Brasil há algum tempo, mas como foi esses primeiros momentos nessa função?

B.S. - É um processo muito interativo. A Fundação Ford por ser uma fundação grande, na época tinha mais de 500 profissionais trabalhando dentro de si, tinha recursos internos, tinha um professor, que tinha sido professor de *governance* no MIT⁷, Michael Lipsky, bem conhecido nos Estados Unidos, tinha carteira de *governance* nos Estados Unidos, então eu convidei ele vir aqui e conhecer vários dos parceiros da Fundação Ford aqui que estava trabalhando em várias áreas. E no final da visita dele, eu falei: “Faça uma análise, faça uma avaliação dessa carta de projetos.”. E foi ele que abriu a luz de trabalhar sobre a questão de demanda, para *good governance*, não só oferta. E ele me falou da experiência de Harvard, eu fui lá para ver a premiação, falei com o pessoal de Harvard para a ver, para entender bem o programa, e falando muito com os parceiros aqui sobre o que seria possível e o que não seria possível. Fizemos uma pesquisa bastante exaustiva sobre quais seriam os possíveis candidatos de parceiros. Esse é um exemplo. Muitos projetos da Fundação Ford simplesmente respondem a demanda, ou seja, uma pesquisadora de uma universidade, uma ONG, trazia para nós seu projeto e a Fundação Ford financiava. Essa foi um pouco diferente. A iniciativa partiu da Fundação Ford em parceira, mas todo o desenho do programa, a estrutura do programa foi feito realmente em parceria com Getúlio Vargas, com Peter Spink e uma rede de ONGs.

L.O. - Você lembrou essa atividade que você teve a propósito disso. E uma das coisas que a gente vê, lendo a bibliografia, lendo as informações, que você contratou várias consultorias. Tem aqui, David Plank para avaliar a área de educação e tem mais outra, Edward Telles. Eu falei: “Olha que coisa interessante”... Um pouco que você falasse desta consultoria ou da consultoria em geral. Quer dizer, como as consultorias ajudavam a definição da própria ação da Fundação?

B.S. - Faz tempo, não é, tem que puxar pela memória, David Plank...

⁷ Massachusetts Institute of Technology

L.O. - É um deles que foi falado que veio discutir a área de educação. Se não lembrar dele, a importância das consultorias.

B.S. - Está voltando. Essa atividade da fundação. Porque eu venho trabalhando em fundações quase a vida toda. Trabalhei oito anos na Fundação Interamericana, trabalhei 15 anos na Fundação Ford, porque depois do Brasil fui vice-presidente na sede, fui presidente de uma fundação de família na Suíça, depois a Oak Foundation. É uma atividade em que às vezes você fica tão cercado pela demanda e pelos projetos individuais que é um pouco difícil você ver o filamento, você realmente... Sair um pouco do projeto individual e ver por onde devemos ir. Então esses consultores que não estão envolvidos no dia a dia de ONG, aprovar projetos. Na verdade, a maior parte do trabalho é recusar projetos. Eu lembro um ano todo na Fundação Ford, na sede, nós conseguimos contar 144 mil demandas que chegaram entre projetos formais, sondagens, no ano que foram aprovados dois mil projetos. Então realmente você passa a maior parte do tempo filtrando, dizendo não, aprovando uns poucos e acompanhando os projetos... Porque são parcerias na verdade. Então os consultores têm um papel muito importante. Você contrata alguém ou para avaliar um grupo... Uma linha de financiamento, ou se você acha, você percebe que a fundação deve abrir uma nova área de atuação, você traz uma especialista na área como foi a questão de David Plank para avaliar se é viável ou não, ou dentro dessa área qual deve ser a linha. A Fundação Ford tinha uma grande história no Brasil na área de ensino superior, a Fundação Ford financiou a criação de várias disciplinas, demografia, por exemplo, antropologia, ciências sociais, teve um papel muito importante no ensino superior no Brasil. Com a Nova República, com mais transparência, com mais discussão sobre os rumos do país ficou cada vez mais óbvio que os problemas do ensino básico realmente são críticos no país. Você tem o sistema público estava de certa forma falido de um ensino básico, ocupava uma parcela significativa do orçamento público, mas o resultado foi muito aquém do que uma sociedade moderna, competitiva deseja. Mas essa foi uma área nova na Fundação Ford, nunca tinha trabalhado no ensino básico no Brasil. Então nós contratamos consultores um pouco para nortear a atuação nessa área e resultou numa linha de atuação sobre qualidade do ensino básico e Nigel Brooke eventualmente foi contratado como *program officer* nessa área e eventualmente virou representante. Outros, Ed [Edward] Telles foi sobre... A Fundação Ford tinha uma longa atuação, longa e polêmica atuação sobre questão de raça e discriminação racial no Brasil, e por mera casualidade ou coincidência, a fundação que eu mencionei, a Fundação Interamericana,

um dos motivos pelo qual ela foi expulsa do Brasil foi por apoio a projetos sobre discriminação racial. Porque num documento público que foi para a embaixada do Brasil em Washington a Interamerican Foundation, Fundação Interamericana justificou os projetos devido à persistência de formas de discriminação racial no Brasil. O Itamaraty falou: “Não aceitamos isso e suas atividades são suspensas no Brasil.”. Mas a Ford, ao longo de décadas, vinha apoiando pesquisas sobre questão de raça e pobreza no Brasil. Com a abertura começou a financiar movimentos ativistas na área e Ed Telles fez várias consultorias. Uma foi sobre a... A Fundação Ford tinha como política própria uma política de diversidade, para contratação de seus próprios recursos humanos e também, outra coisa polêmica, exigia que qualquer parceiro da Fundação Ford tinha que preencher um gráfico, um quadro de diversidade. Isso foi muito criticado.

L.O. - O Telles menciona assim... A gente leu a consultoria que ele escreveu em 96, que é para avaliar como os *grantees* e davam... A partir de uma determinação da Fundação Ford, de 93, em que, vamos dizer assim, dizia para aprofundar a diversidade. O que é isso?

B.S. - Bom, a Fundação Ford tinha uma política que partiu da sede. É muito interesse, quando eu entrei na Fundação Ford o presidente foi Franklin Thomas. Franklin Thomas é um negro americano, o vice-presidente era Susan Berresford, mulher. Eu lembro que dentro dessa área de *governance* um dos parceiros da fundação foi o fórum de Reis Veloso, Fórum Nacional. Eu lembro de uma assistente que trabalhava com Reis Veloso na vez que Franklin Thomas e Susan Berresford vieram, acho que o 35º aniversário da Fundação Ford no Brasil, vieram. E foram para uma reunião que o Fórum Nacional organizou. Ela era nordestina. Ela falou para mim: “Olha, você quer dizer que aquele senhor presidente da Fundação Ford e aquela mulher vice-presidente da Fundação Ford”, e ela chorando falou: “Eu não posso lhe dizer o orgulho que eu sinto trabalhar com vocês”. Essas coisas são muito fortes, realmente. Então a Fundação Ford tinha isso como valor interno e tentava projetar isso para seus parceiros. Agora, imagina a dificuldade de fazer isso em outras culturas. E de fato, a Fundação Ford foi acusada no Brasil, várias vezes, abertamente ou implicitamente de estar importando modelos raciais dos Estados Unidos, e nem sabe que durante a ditadura a questão racial foi questão de segurança nacional, porque tinha muito medo de que um movimento radical, tipo o *black panthers* fosse importado para o Brasil, uma série de coisas. E o que nós queríamos fazer com essa consultoria, nós

queríamos tentar entender do ponto de vista dos parceiros brasileiros, o que eles entendiam por diversidade e quais eram suas próprias políticas de diversidade, para não estarmos impondo uma política. E também para ver qual era a percepção deles da política da Ford para tentar chegar a algum diálogo. Na verdade esse mecanismo é tão... De você preencher um gráfico dizendo que número seu conselho, seu staff é branco, não branco é muito rudimentar. Mas a finalidade disso abriu um diálogo sobre diversidade na sua entidade. Então isso foi o espírito da...

H.A. - A gente leu a consultoria, a impressão que dá é que essa questão da diversidade para esses donatários era bastante confusa. Como foi o diálogo a partir dessa confusão?

B.S. - Isso nunca foi exigência ao ponto de recusar um financiamento. A gente, no mínimo, queria levantar consciência um pouco, conscientizar um pouco os parceiros de que esse era um valor para a Fundação Ford, eles tinham que... Claro, são soberanas, são independentes, tem que interpretar com a sua coletividade. Mas esse faz parte do diálogo com a Fundação Ford. Então, a gente nunca impôs uma cota a ninguém, mas deixamos bem claro do que é importante para nós. Interessante, porque acho que em alguns casos realmente houve mudança, houve uma certa conscientização. Porque a natureza da discriminação... A pior discriminação é aquela que é inconsciente. Eu lembro, têm casos muito famosos nos Estados Unidos. O maior centro de pesquisa, realmente, a Fundação Ford chegou a dizer, “Olha, como é possível uma entidade que se diz que fala sobre as questões sociais, sobre questões de igualdade, no seu conselho, no seu sênior staff só tem homens brancos?”. E essa coisa da diversidade inscreveu muito da experiência de Franklin Thomas, ele foi o primeiro presidente de cor que entrou na Fundação Ford, ele enfrentou uma estrutura em que você tinha todos os diretores eram homens, todos eram brancos, todos foram formados nas mesmas universidades e tinha muito tempo de casa. Então ele realmente foi muito radical, ele demitiu todo um escalão de funcionários, até foi feito, infelizmente, por azar, no Dia das Mães, então foi conhecido como *mather's day massacre*, e aí ele começou a falar muito sobre diversidade, a importância da diversidade numa entidade que lida com questões sociais e fez uma outra coisa, introduziu mandatos por tempo fixo para as pessoas que iam decidir sobre os projetos. Porque ele achava que além de bloquear diversidade, esse... Tem uma piada que contam na Fundação Ford, no momento que você entra na Fundação Ford, de repente todas as suas piadas são engraçadíssimas, todas as suas ideias

são brilhantes. Porque você realmente está rodeado de pessoas que estão querendo um financiamento. Ano atrás de ano atrás de ano, por mais disciplinado, mais inteligente que você seja, você perde um pouco a perspectiva, e você passa a acreditar realmente, eu sou brilhante. Porque eu falo uma coisa de repente aparece uma proposta. [risos]

L.O. - O nosso ditado é “o uso do cachimbo faz a boca torta”, você passa...

B.S. - É a mesma coisa.

L.O. - Mas isso é muito interessante, que alguns dos entrevistados já tinham comentado o papel dele nessa coisa do mandato de cada pessoa, mas essa outra perspectiva que é essa diversidade é importantíssima. Uma coisa, você está nos falando, nos contando de como uma questão, vamos dizer assim, que começa inicialmente na própria matriz, não é da matriz, mas é a sociedade americana, produzindo determinadas coisas, acabaram tendo influência no escritório do Brasil e em outros escritórios, possivelmente. Mas uma coisa também que foi mencionada em algum momento nas nossas entrevistas de nossos depoimentos, que nessa estrada de mão dupla, matriz para o Brasil e ao contrário, Brasil para a matriz, que a importância do programa sobre HIV-Aids do escritório do Brasil e que isto teria tido importância na matriz lá. Só um detalhe a mais, você acha que o caso do Bruce Bushey ter sido afetado com a doença e morreu com a Aids ajudou nessa...

B.S. – É bom... Infelizmente Bruce Bushey não foi o único da Fundação Ford que passou por esse problema. Eu não trabalhava na Fundação Ford nessa época, eu conhecia Bruce [Bushey] porque quando eu trabalhava na Fundação Interamericana a gente sempre estando no Rio, visitamos o escritório da Fundação Ford para pegar informações, para dialogar, para trocar ideias. Se não me engano, foi Peter Fry que realmente iniciou esse programa. E Brasil no mundo da Fundação Ford foi pioneiro nisso realmente. A linha de atuação na área de HIV-Aids partiu do Brasil. As primeiras doações foram feitas no Brasil, antes que esse programa começar nos Estados Unidos. E virou realmente um programa mundial da Fundação Ford, até com um financiamento especial com funcionários especializados nessa área e virou realmente uma grande linha de financiamento. Realmente nessa foi Brasil que tomou a liderança. E tem muito a ver acho que com experiência interna da Ford no Brasil, pode ser por situação pessoal de

Bruce, pela consciência de Peter, mas também tem a ver com o ativismo que começou no Brasil muito cedo no movimento. Tinha com quem trabalhar no Brasil, que foi muito importante.

H.A. - Brad, voltando um pouco na sua experiência como PO⁸ de governança, acho que logo no ano seguinte você já virou representante. Sim, pois é, como era essa questão de acumular as funções, ainda mais a principal função?

B.S. - Essa foi a prática da Fundação Ford. Porque o *staff*, não era um *staff* imenso, então não se justificava ter uma pessoa que era chefe, só fazendo isso. Foi mais difícil, o que me fez como *program officer* foi consolidar muito o programa e começar a fazer doações maiores para um grupo mais limitado de parceiros nessa área de *governance*. De fato, o cargo aqui chamado representante é um nome muito certo, porque de certa forma você representa a Fundação Ford no Brasil, é uma mini Fundação Ford no Brasil, e você tem que ter relações com o governo, com pessoas da academia, enfim, uma série de pessoas sendo ou não parceiros, você tem que administrar as relações. E a parte administrativa interna, eu sempre falava que é um trabalho constante de tradução, de tradução de inglês para português, de português para inglês, mas também da cultura da matriz para a cultura local.

H.A – E Vice versa.

B.S - E vice versa. Você tinha normas práticas e normas administrativas aqui que foram muito diferentes da sede, mas ao mesmo tempo foi a sede que fiscalizava nossas contas aqui, além do governo do estado do Rio de Janeiro, que a gente tinha que prestar contas. Eu lembro das minhas primeiras experiências culturais como representante foi a Copa do Mundo. Eu achava que eu ia ser um chefe...

H.A. - Copa de 94?

B.S. - É. Bom chefe, liberando as pessoas cedo no dia do jogo. E quase houve uma revolução no escritório: “Não, de jeito nenhum, tem que fechar no dia do jogo, porque a gente tem que ir

⁸ Abreviação para “program officer”

para casa, preparar comida, tem que fazer...”, então tive que explicar para a sede de que hoje estava fechado mesmo que não era feriado. “Por quê?” “Porque Brasil está jogando um jogo hoje”. Mas eu vi logo que realmente eu liberar o pessoal às 11 horas da manhã, não ia dar certo. Era revolução no escritório, então tive que enfrentar a sede. Outra coisa quando eu era representante, eu lembro, bem no início a inflação mensal era 50% e num momento tinha três moedas em circulação. O auditor interno da Fundação Ford veio para ver nossas contas e falava: “Olha, licitação para a compra de não sei que, tal, segundo as nossas normas acima de tal preço você tem que ter três propostas diferentes”. Eu falei: “Olha, eu não consigo preço que vale por mais de 24 horas e também, o mais importante, alguém que tenha realmente aquela mercadoria ou pode prestar aquele serviço. Eu não tenho o luxo de fazer um processo de licitação como você conta”. Essas coisas foram muito interessantes. E outra coisa, a cultura... Você entrevistou a Dona Prescilla [Kritz], que para nós é Dona Prescilla, que de certa forma era a grande formadora dos representantes, porque ela tinha que trabalhar com todos. Eu saquei isso logo, porque quando eu entrei como representante, eu entrei na sala que vários tinham sido antes, que tinha uma vista maravilhosa para Baía de Guanabara, eu falei: “Puxa, o que vou fazer para deixar minha marca na sala, boto o sofá lá...”. Cada arranjo que eu pensei, Dona Prescilla falava: “Ah, *mister so and so* fez assim”. Aí eu cheguei a conclusão que não tinha nenhuma inovação que eu possa fazer com os móveis que ela já não tinha visto, então resolvi deixar tudo do jeito que estava e deixar a Prescilla realmente ser a grande coordenadora do escritório.

L.O. - Ainda uma questão anterior que você assume a representação depois de Joan Dassin. Quer dizer, um momento também difícil porque anos 90 a coisa do Plano Collor, que você está ali no livro dos *30 Anos*, Joan [Dassin] fala, o presidente também fala, você fala... Foi difícil assumir a representação após...

B.S. - Foi e não foi porque fui contratado por Joan e a gente tinha muito boa relação. Acho uma coisa muito interessante da Fundação Ford, não sei por que, porque todas as fundações não são assim, mas tem uma continuidade muito forte, que não é estática, é mais uma evolução. E Joan me ensinou uma coisa muito importante, ela falou que você entra nessa instituição de certa forma como... Você tem responsabilidade pela história, pela parte histórica, herança, e você tem que usar essa herança para realmente... Para inovar para o futuro. Então foi *muito claro* que não era coisa tão radical que a gente ia deixar de financiar a academia e financiar ONG.

Mas era óbvio que nesse momento a sociedade estava mudando, o papel das ONGs, a gente tinha que abrir mais para essa área. Era muito mais calibrar do que mudanças bruscas. E várias coisas, programas que eventualmente tiveram financiamentos que foram concluídas ou terminadas na minha gestão, tinha sido começado com Joan. A gente tinha toda uma linha de pesquisa sobre ensino superior, sobre o próprio ensino superior e gestão universitária. Isso foi gradualmente concluído para abrir essa área de ensino básico. Mas isso já estava em andamento. Mais difícil foi os problemas da economia, de como realmente atualizar os salários do staff local que estavam recebendo em cruzado, cruzeiro, cruzado novo, nem sei o que era.

L.O - Aí, acredito que seja uma coisa nova, que essa área de governança ou não sei é bem dessa área, que começa a apoiar o campo de segurança pública. Isso é uma coisa que não existia antes. A [Elizabeth] Leeds diz que você foi importante: “o Brad apoio muito o campo de segurança pública.”.

B.S. - Não, porque na... Não é só Brasil, mas em várias transições democráticas, especialmente no Brasil, houve uma certa... É paradoxal, você sai de uma ditadura com um governo repressivo em que a polícia e o exército é um instrumento realmente de repressão, para uma democracia, com muita violência. E nós começamos a perceber e contratamos consultores também para isso, que no Brasil, na África do Sul em vários lugares onde a Fundação Ford trabalhava, que estava em transição, que essa dinâmica estava aparecendo. Exatamente no momento que você queria fortalecer cidadania e estimular as pessoas a participar, as pessoas estavam preocupadas com a sua própria segurança. E um certo perigo, saudades da ordem poderia criar um clima de que: “Olha, seria muito melhor voltar para aquilo, mais autoritário porque pelo menos a gente estava seguro. Eu não era roubado na esquina, não tinha ninguém realmente invadindo prédio de apartamento para roubar, não tinha essa matança nas ruas”. E resolvemos que era necessário tentar trabalhar sobre a questão de segurança pública. Mas como você vai trabalhar essa questão numa democracia? É muito mais sobre a relação entre público e segurança. [Elizabeth Leeds] Liz trabalhou como *program officer* nessa área, nós criamos um fundo realmente um nível depois no nível na sede para estimular os escritórios na maior parte do mundo a trabalhar sobre segurança pública da questão de reforma; mas houve um grande diálogo dentro da Fundação Ford, porque por tradição a Fundação Ford tinha abordado essa questão da perspectiva de direitos humanos. Você fiscaliza, você denuncia, você critica e você faz um curso para a polícia

em que você lê a Declaração Universal dos Direitos Humanos para eles e achando que vai mudar. E partimos para uma outra... Um pouco baseado na experiência nos Estados Unidos e em outras partes do mundo que você tem que buscar elementos dentro do próprio aparelho de segurança pública que também querem reformar. Você não pode ver aquilo como monolítico. Em qualquer polícia do mundo realmente você tem elementos que querem trabalhar bem, e fazer alianças com universidades e com ativistas de ONGs para promover toda uma agenda de reforma da polícia e fiscalização e controle popular da ação da polícia.

L.O - Isso é muito inovador do ponto de vista, mesmo do Brasil, porque até a propósito da ditadura, quer dizer, a academia olhava todas aquelas figuras como parte do problema. Acredito que tenha sido difícil, inclusive achar que setores da academia estariam disponíveis.

B.S. - Mas tinha, tinha grupos de estudo da violência, que de certa forma colaborava com a polícia para ter acesso aos arquivos, para levantar os números. Tinha pessoas como Rubem Cesar [Fernandes] que estava trabalhando, tinham várias pessoas que estavam... Nenhuma dessas coisas se faz sem elementos locais que querem ir nessa direção, e houve, realmente, terra muito fértil para trabalhar essa questão no Brasil e não só Brasil, outros países.

L.O. – Bom, depois desta sua experiência importante e variada no Brasil, você é convocado pela Susan Berresford.

B.S. – Virou presidente.

L.O. - Chama você para uma vice-presidência. Só lembrando, Joan também vai para a sede programa de América Latina, primeiro.

B.S. - Para o diretório regional da América Latina.

L.O. – Vamos dizer assim, isso era comum de outros escritórios ou era o escritório brasileiro estava sendo um celeiro?

B.S. - Foi a piada... Acho, olha, sendo pesquisador, realmente, a amostra é muito pequena. Aconteceu duas vezes. [risos].

L.O. - Numa instituição desse tamanho... Pelo menos é interessante.

B.S. - Eu acho que se deve a várias coisas. Tem muito a ver com o espaço que você encontra no Brasil, a criatividade, a qualidade realmente da academia, dos ativistas que estão nas ONGs, obviamente dos servidores públicos, é um ambiente muito criativo, muito dinâmico que permite você inovar e fazer um certo trabalho de qualidade, e você lidar com complexidade numa sociedade que tem uma visão do seu futuro. E isso é um preparo excelente para trabalhar numa instituição que tem uma proposta modernizante como tem a Fundação Ford e tem a perspectiva global. Eu acho que se existe uma relação é por aí.

L.O. - Uma boa explicação.

B.S. - É um bom campo de treinamento.

L.O. – Me diga uma coisa... Posteriormente o Shepard Forman, diz, comenta: “O programa de bolsas, esses que a Joan está dirigindo agora, foi criado a partir da experiência brasileira e foi o Brad que fez isso”. Aí, um pouco, qual experiência, como foi isso, e se é Fundação Carlos Chagas ou não?

B.S. - É interessante, a origem desse programa. A Fundação Ford por lei, nos Estados Unidos, as fundações tem que gastar 5% do seu patrimônio em atividade fim, doações basicamente. Essa é uma lei, o congresso criou esse patamar, mas é um piso, é o mínimo que você tem que gastar. Quando a bolsa está muito alta sempre tem uma certa discussão no governo de aumentar esse piso. Agora durante a recessão ninguém mais lembra disso, porque para você manter seu patrimônio e ainda gastar 5%, quer dizer que você tem que ganhar nos seus investimentos, render 5% mais inflação. Ninguém fez isso em 2009, ninguém fez em 2010, agora está um pouco... Vamos ver. Mas numa época em que a Fundação Ford, a carteira de investimentos da Fundação Ford estava ganhando 20%, 25% por ano, Susan Berresford começou a se preocupar com que esse diálogo estava começando de novo e poderia haver uma nova lei aumentando esse percentual. Então ela colocou para nós, a equipe dela, o que a Fundação Ford pode fazer? Se vai além dos cinco ponto não sei que, dedicar mais 1% que é muito dinheiro. Porque a

Fundação Ford tinha na época U\$16 milhões, U\$15 milhões, o que poderia fazer. E a dinâmica é um pouco como o processo do orçamento no congresso. Cada uma começa a falar do seu projeto, não sei que, você acaba com uma lista desse tamanho, que é impossível comunicar. Então, eu, olha, olhando para a história da Fundação Ford que é coisa... Que a Fundação Ford fez no mundo inteiro que mais teve impacto foi o programa de bolsas. Quem de nós já não teve a experiência de conhecer uma pessoa incrível, na África, na Ásia, na América Latina, não sei onde, e ao você dizer que eu trabalho na Fundação Ford, a pessoa te para e fala: “Olha, realmente eu quero lhe agradecer, porque num momento crítico de minha vida eu tive uma bolsa da Fundação Ford, me permitiu fazer tá, tá, tá”. Eu mesmo tive essa experiência em Uganda que o chefe da Corte Suprema que foi responsável para o processo constituinte, me falou: “Olha, eu fui a Sussex com bolsa da Fundação Ford, e demorou anos no meu país uma política para eu poder usar o que eu aprendi ali, finalmente chegou a hora, então eu tenho que agradecer a Fundação Ford.” Então esse não foi... Teve um impacto incrível realmente no mundo, foi muito bom negócio para a Fundação Ford. Criou todo um grupo de pessoas muito ligadas a Fundação Ford que têm cargos importantes, seja governo, seja privada, seja na academia, seja onde for. Que criou uma rede de apoio para a Fundação Ford. Mas a fundação tinha aos poucos deixado esse programa e os poucos programas de bolsas existentes a Fundação Ford deu para terceiros, então não tinha mais tanto essa ligação com a Fundação Ford. Então a decisão foi de criar uma nova geração de bolsa. Só que a gente queria corrigir o que nós percebemos que era um certo defeito. Porque muitas das bolsas das gerações anteriores foram para elites. A Fundação Ford também, ao longo dessas décadas, tem investido muito em universidades em todos esses países, então a gente não pode usar mais o argumento de que não existem boas universidades no país, tem que ir para o exterior, que favorece elites. Então foi criado um programa de U\$300 milhões, International Fellowship Program, só para o exterior, não para os Estados Unidos, como elemento de diversidade. A Ford iria deixar cada região do mundo onde iria atuar o programa, definir diversidade, chegar a sua própria definição, pode ser regional, pode ser gênero, pode ser por raça, pode ser por etnia, e procurar ativamente escolher pessoas que historicamente tinha dificuldade de ter acesso ao nível superior, e oferecer... Eu tive uma ideia mais radical: “Eles devem ficar no seu próprio país para estudar ou ficar na sua região”, mas prevaleceu uma coisa mista, também podem ir para o exterior. Mas, de fato, modificaram. Porque você para pra pensar, uma pessoa que vem do interior da Nigéria para Lagos, é uma viagem cultural imensa, não precisa ir a Londres. De fato, eram mais mulheres,

pessoa de baixa renda, de grupos étnicos e pessoas também mais velhas, foi muito interessante, porque pessoas que tinha uma história de ativismo já, de envolvimento comunitário que queria se formar. E Joan foi chamada para dirigir esse programa que foi um programa em parceria com o Institut of International Education.

L.O. - E aqui no Brasil é a Fundação Carlos Chagas que faz a seleção, corresponsável por isso?

B.S. - É.

L.O. - Maravilha. E cá entre nós, é um programa barato, não é?

B.S. - Eu acho ótimo. É um programa barato... Barato... Barato no sentido de...

H.A. - É um barato e é barato.

L.O. - Se você pensar em doações para continuar programas etc, o custo de cada um desses é relativamente pequeno, com efeito... Tem razão. Me diga... Só estou clicando aqui o que você já falou, já falou...

H.A. - Essa sua experiência como vice-presidente a gente podia também... Saindo do Brasil indo para a matriz, olhando o Brasil agora de longe, como parte de um grupo de escritórios, comentasse um pouco também.

B.S. - Bom, por um lado foi um preparo ótimo realmente. Essa coisa de lidar com inflação 50%, três moedas, governo em transição, a renegociação da relação entre o poder público e o cidadão, tudo isso é um preparo realmente fantástico. Por outro lado eu tive que aprender que Brasil não é necessariamente modelo para o resto do mundo e tem diferenças enormes. Eu lembro que o programa... Eu fui chamado para ser um dos três vice-presidentes do programa, porque Susan Berresford, na sua cabeça, ela queria trazer alguém que tinha trabalhado no exterior, queria trazer alguém de fora e alguém que estava na sede, então eu estava nessa categoria que tinha trabalhado no exterior, porque ela queria essa perspectiva. Porque a Fundação Ford não é a Nações Unidas, é uma fundação americana com escritórios no exterior. Ela queria alguém que poderia trazer essa visão. Eu lembro de uma conversa muito interessante

com ela, uma vez que a cada reunião do conselho da Ford a gente sempre chamava um dos representantes de algum país. Esse pobre representante tinha que fazer apresentação em 15 minutos sobre a situação do país e a contribuição da Fundação Ford. E um dia eu falei para a Susan Berresford: “Olha, eu estou aqui já há vários anos nesse cargo, sabe que eu nunca ouvi uma apresentação igual sobre os Estados Unidos. A gente não faz análise contextual sobre situação política dos Estados Unidos. Estados Unidos existe como aglomerado de linha de financiamento de projetos, mas a gente não faz essa análise que nós estamos cobrando para os representantes”. Houve uma tentativa de fazer isso também, um pouco de paridade, ela queria alguém que representava essa ideia de nivelar um pouco. A outra coisa que eu tive que aprender é que: o Brasil é um país que fixa muito na linguagem, expressão e movimentos. Então você tem movimentos pela cidadania. Eu achava: “Ah, isso é fantástico, democratização, cidadania, esse é o modelo para o mundo inteiro”. Mas na África, por exemplo, eles rejeitam de certa forma essa construção brasileira de cidadania, porque no Brasil você não tem problemas de exclusão em termos de cidadania. Talvez vai começar ter com migração que está havendo agora. Mas em África isso é brutal, realmente, você tem grandes faixas da população que não são consideradas cidadãos, seus direitos não estão garantidos na Constituição. Então tive que aprender essa construção de cidadania no Brasil, não se transfere tão facilmente para outros lados. Então foi uma série de coisas que eu tive que aprender.

H.A. - Você era responsável pelo programa Paz e Justiça Social.

Técnico: Vou fazer a troca.

[FIM DO ARQUIVO I]

H.A. - Eu até pergunto de novo: Na vice-presidência você assumiu o programa de Paz e Justiça Social. Queria que você falasse um pouco sobre. Que foi por muito tempo, não é?

B.S. - Dez anos. O nome desse programa ia ser diferente. Na formulação de Susan Berresford ela tinha botado Desafios para Democracia, Paz, Equidade e *Governance*. E eu querendo ser democrático... Foi complicado porque houve uma reestruturação interna eu tive que costurar esse programa de sete divisões diferentes, parte de sete diferentes. E eu reuni o grupo mundial

que ia fazer parte dessa nova área programática e a primeira coisa que eu vi foi oposição ao nome do programa, especialmente entre os escritórios da Ásia, China, Indonésia que ainda estava fechada. “A gente não pode falar *democracy* aqui, vamos ser acusados de realmente estarmos importando modelo americano”. A gente procurou, procurou, procurou, o único nome que todo mundo concordava era Peace Social Justice que parece um pouco Vaticano, não sei. Foi interessante. Nenhuma sociedade do mundo em que trabalhava achava que poderia ter grandes problemas com essa formulação, então foi Peace Social Justice e contido no programa foi direitos humanos, foi segurança, segurança no sentido de armamentos nucleares, era cooperação internacional, era fortalecimento do terceiro setor, setor sem fins lucrativos e filantropia, foram as grandes áreas e *governance*.

L.O. - Uma coisa que eu já ouvi, mas não entendi muito bem, a diferença, a distinção, entre vice-presidência e diretor na Fundação Ford. O que é uma coisa e o que é outra? Quando eu penso que entendi...

H.A. - Na hierarquia.

B.S. – É uma hierarquia. Tinha o presidente depois tinha três vice-presidentes de programa, e tinha mais dois ou três vice-presidentes de operações de outras áreas. Mas de programa, da parte de fazer as doações, foram três vice-presidentes. Depois tinham os diretores que eram diretores de programas sediados em Nova Iorque e tinha os representantes que eram diretores de escritórios no exterior. Antes da Susan Berresford, o Franklin Thomas, outra inovação dele foi de que a Fundação Ford agora vai ter linhas programáticas globais. Como alguém da Ford, muitos anos atrás falou, a separação era tão grande entre a Ford internacional e a Ford doméstica, digamos isso, que uma vez, essa pessoa estava trabalhando na África disse: “Eu que estava trabalhando na África tive que procurar um interlocutor para me apresentar alguém que trabalhava na parte doméstica”, então era muito grande essa separação. Franklin Thomas procurou unificar a Ford, dar as linhas que são linhas mundiais. Esses diretores, de certa forma, eram diretores teoricamente de programas mundiais, embora eles atuavam muito mais nos Estados Unidos. E os representantes tinham status um pouco inferior, agora isso foi igualado durante o período de Susan Berresford. Porque o nível salarial e outros incentivos de planejamento, diretor e representante ficam igual.

L.O. - Entendi. Uma outra coisa Brad, você está mostrando, quer dizer, o caminhar da própria Fundação Ford em relação aos vários países, vários momentos. Por outro lado, quer dizer, a Fundação Ford como uma agência norte-americana, vamos dizer assim, sofria influência das variações da política norte-americana, pelos direitos civis. Se a gente lembrar, [Jimmy] Carter, [Ronald] Reagan, [Bill] Clinton, [George] Bush, [Barack] Obama... Como é que a variação da questão política norte-americana afetou e afeta a Fundação Ford? Se você puder com seu poder de síntese.

B.S. - Agora, posso recomendar muito uma publicação que foi feita por Joan Spero que era o presidente da Doris Duke Charitable Foundation, passou um ano como *visiting scholar* na Foundation Center e fez uma monografia chamada “*Global role of US foundations*”, que fala exatamente, historicamente, dessa relação entre política externa nos Estados Unidos e as fundações.

L.O. – *Global role of...*

B.S. - *US Foundations*. Você pode fazer o download do site do Foundation Center. Foundation Center.org, tá? Breve pausa para propaganda. [Risos] Eu acho, a tese dela, a posição dela basicamente: existe bastante alinhamento entre as grandes linhas da política externa americana e as fundações, embora em momentos históricos específicos houve muita rixa e muita oposição. Por exemplo, com a apartheid, as fundações quebraram com a política, algumas fundações antes, movimento de direitos civis, por exemplo, houve, de fato, um momento muito decisório na história da Fundação Ford, tem a ver com o Brasil e com o sul. Porque antes das ditaduras na América do Sul o maior parceiro da Fundação Ford certamente tinha sido o governo, escolas de administração pública, não sei que tal. Houve um debate muito forte de quando o governo de certa forma vira contra a sua própria população se a Fundação Ford pode continuar sendo parceiro. E aí foi introduzido por Bill Carmichael a linha de apoio para direitos humanos. Isso foi muito antes que o governo americano com Carter entrou com essa política. E, de fato, a famosa história que envolve Peter Bell com o apoio para a Cebrap⁹, em que ele foi chamado quando a embaixada americana soube da possibilidade, chamaram ele e disseram que não

⁹ Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

apoiem esse pessoal. São vermelhos. E foi dito a ele, se você se interessa por sua carreira você não vai fazer esse *grant*. E houve um grande debate dentro da Fundação Ford e resolveu fazer o *grant*. Anos depois Fernando Henrique [Cardoso] virou presidente, então acho que a história provou que a Fundação Ford estava do lado certo da questão. Olha, as fundações na cultura América são instituições privadas, elas são fiscalizadas pelo poder público da seguinte forma, pelo fisco americano eles têm que fazer declaração de imposto de renda e por um comitê do senado e um do congresso. E tem havido momentos na história americana que envolve até a Fundação Ford como protagonista, como movimento de direitos civis. Porque na época a Fundação Ford, de longe, era a maior fundação. Então o peso da Ford, a visibilidade era muito grande e ela entrou muito grande, muito forte na área, no movimento de direitos civis e especialmente numa coisa que era de recrutar classes desfavorecidas, especialmente negros, para votar. E houve uma reação muito forte, de forças conservadoras, que resultou numa nova lei que limitou a atuação das fundações na política partidária e nessa coisa de alistamento eleitoral, cadastramento eleitoral, que não pode ser feita de uma forma partidária. Porque a acusação foi que a Fundação Ford estava fazendo isso para recrutar eleitores para o partido democrata. Tem havido momentos na história americana que as fundações fizeram coisas que o congresso achava que não devia fazer e modificou-se a lei. Mas a independência é muito mais informal do que formal, essa influência. E essa monografia fala um pouco sobre a pessoa saindo do governo, entrando nas fundações, alguém que estava no governo, numa empresa entra no conselho de uma fundação, é muito mais C. Wright Mills, essas redes de influência. É por aí.

L.O. - Estou lembrando a Denise Dora, comenta uma coisa que tinha a ver com a Conferência de Durban, que aí fala: “O Brad até que avisou, essa pessoa que apareceu com um cartaz contra Israel, será que foi lá com o dinheiro da Fundação Ford?”. Ela diz: “Graças a deus não foi, mas poderia ter sido”. Contou isto e falou da coisa que a própria Susan teve que... Foi chamada pelo congresso...

B.S. - Mais ou menos.

L.O. - Ela contou a versão dela e um pouco...

B.S. - É. Não. A Fundação Ford tinha uma tradição de apoiar as grandes conferências mundiais das Nações Unidas: Conferência da mulher, Conferência do meio ambiente em Nairóbi... E quando veio sobre racismo a Fundação criou um fundo e, de fato, financiou a ida, viagens de pessoas para o mundo inteiro para a Conferência de Durban. E foi uma grande comitiva do meio Oriente, especialmente do mundo árabe. Em Durban realmente houve... Você lembra que Israel saiu, Estados Unidos saiu por conta do... Porque como a questão de antissemitismo ia entrar no documento ou não, acusação de que Israel era um país racista e houve incidentes realmente bastante virulentos de discursos e coisas escritas em panfletos contra Israel. Eu lembro, não sei de onde veio, ninguém sabe de onde veio, mas era um panfleto que circulou que tinha uma coisa de Hitler desenhada “Imagina se Hitler não tivesse sido vencido”, não, se “Hitler tivesse ganhado a guerra, estaríamos dirigindo Volkswagens e não haveria Israel”, uma coisa assim, desse tipo realmente, muito forte. A Fundação Ford foi atacada por uma série de matérias na imprensa judaica feito por um repórter investigativo chamado Edwin Black, e o nome da série era “*Funding hate*”, Financiando o ódio, e acusou com bastante habilidade. A gente aprende muito sobre jornalistas, realmente quando querem sujar têm suas técnicas, sem fazer nada ilegal, mas por acusações mostrar evidências, insinuações, conseguiu retratar um quadro de que a Fundação Ford tinha quase sido engenheiro de tudo isso em Durban. Nós entrevistamos várias pessoas da comunidade judaica na época, eu estava na sede, que tinha ido para Durban, e foi muito incrível realmente, a experiência que eles contaram, alguns se sentiram ameaçados (em) sua própria segurança física em alguns momentos, por tanto ódio, tanta coisa que tinha contra Israel. E era obviamente era verdadeiro esse sentimento. Voltaram e logo depois que voltaram de Durban vem (o) 11 de Setembro de 2001. Então realmente o mundo mudou *muito* naquele curto espaço de tempo. Saíram esses artigos e a Fundação Ford se encontrou num fogo cruzado político, de certa forma. A Fundação Ford recebeu um abaixo-assinado de 20 deputados *democratas*, dizendo que a Fundação Ford tem que responder essas alegações de que teria financiado esse tipo de atividade. Houve insinuações de que a Fundação Ford estava apoiando grupos terroristas, que não tinha nenhum fundamento, mas naquele ambiente, imagina. Esses deputados democratas, no resto do que a Fundação Ford fez, eles apoiavam: direitos da mulher, direitos reprodutivos, questões raciais, tudo isso, mas a questão de Israel achavam que isso não deve ser. Por outro lado houve forças conservadoras que não gostavam nada do que fundação fazia, queriam aproveitar desse momento. Era um fogo cruzado muito complicado no ambiente, antes que todo mundo esqueça, *como era o ambiente*

depois de 11 de Setembro de 2001. Era um ambiente de medo, de paranóia, de encontrar o inimigo, de que o terrorista pode ser o vizinho do lado. Houve uma série de leis que foram passadas realmente para tentar restringir o financiamento que possa ser usado possivelmente para fins terroristas. Então, no meio de tudo isso que a Fundação Ford teve que navegar essa situação. Agora, o que eu aprendi disso? Primeiro, a linha de defesa que a fundação usa é muito frágil. Geralmente uma fundação diz, “olha, nós não somos ativistas, nós apoiamos grupos em seus projetos.” As pessoas que estavam criticando a Fundação Ford olhavam para os web sites, porque na época já tinha internet. Os web sites dos parceiros encontraram coisas que eles acharam que era anti Israel, antisemita, que não eram compatíveis com os valores da Fundação Ford e diziam: “Vocês apoiam esse grupo, esse grupo, vocês devem acreditar nisso”. E para o público não é muito fácil explicar isso. A outra defesa que a fundação às vezes tenta dizer: “Olha, nós... aquele grupo fez isso, disse isso, mas não nosso apoio é para outra coisa”, mas realmente não...

H.A. – Não cola.

B.S. - Não cola muito bem. Também aprendemos, era como os parceiros da Fundação Ford, a própria Fundação Ford não tinha ainda realizado o poder da internet. Porque os ataques que foram feitos foram baseados nos web sites dos seus parceiros. A gente se deu conta que no nosso procedimento de avaliar projetos, o nosso pessoal não estava prestando muita atenção nos sites dos *grantees*. E quando fomos para alguns dos parceiros e perguntar: “Qual a sua política editorial pelo site?”. Geralmente a geração das lideranças era pré-internet e quem mandava no site era o estagiário. “Não, a gente tem um estagiário, volta aí...”. Nem sabia o que estava no seu próprio web site. Algumas vezes a gente mostrou: “Você sabe o que está no seu site?”. E ficavam parados, nem se dava conta do que estava no web site. Eu acho que um lucro disso foi muito mais sofisticação sobre a internet como ferramenta de comunicação, porque o seu site representa sua organização para o mundo, e também muito mais diálogo com os parceiros sobre política editorial dos seus próprios sites. Então como toda experiência negativa houve um certo saldo positivo, mas foi uma coisa muito difícil para a Fundação Ford e houve algumas mudanças na Fundação Ford por conta disso.

L.O. - Me diga uma coisa, depois que você saiu da Fundação Ford, obviamente porque você continuou atuando em fundações, de alguma forma você acompanha a atuação da Fundação Ford, não há como ficar distante, quer dizer, você continua acompanhando a Fundação Ford e esses *grantees* que você conheceu no fundo ao longo da sua vida...

B.S. - Bom, CPDOC¹⁰, eu conheci CPDOC, FGV. Uma coisa muito interessante da Fundação Ford é uma grande escola, é uma grande rede de contatos, então eu tenho parceria, faço trabalhos juntos, tenho muitos amigos de pessoas com que eu trabalhava na Fundação Ford. Eu lembro muito bem, uma das coisas que eu aprendi muito na Fundação Ford é como contratar pessoas. E o que a gente mais buscava. Porque quem chegava lá, quem sobreviveu até o final o processo, a qualificação técnica tinha, isso não era... A gente mais procurava entender quais são os valores dessa pessoa. Porque se você confia nos valores do seu colega, você pode aguentar muita discussão interna e até briga interna sobre métodos, procedimentos. Porque você confia realmente naquela pessoa que no fundo é o mesmo que você quer. Então a gente está procurando muito coisa de justiça, pessoas que realmente... Diversidade, que sabia que para melhorar esse mundo você tinha que ligar o teórico com o prático. Você não pode só ficar só no prático, só no teórico, você tem que juntar ideias com movimentos e ação. Isso resulta em que as pessoas com que você trabalhava, é uma rede que você tem para o resto da vida, é muito forte isso na Fundação Ford, é um pouco Mackinzie. Mackinzie é outro setor, e isso é muito gratificante, acompanho nesse nível. Agora, o vai e vem institucional, as intrigas institucionais eu até procuro me isolar disso. Primeiro, para *disclosure*, minha entidade recebe recurso da Fundação Ford. Mas eu acho que a cultura institucional é muito forte e esse... O fato que a Fundação Ford tem seus escritórios locais cria uma certa continuidade, estabilidade na Fundação Ford que eu acho que é bastante único, nesse mundo de fundações.

H.A. - No caso do escritório brasileiro, também conversando com umas pessoas nesse projeto, também há opiniões divergentes sobre como vai ser a continuidade do escritório brasileiro, como você vê isso? O Brasil está num outro momento, não é?

¹⁰ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

B.S. - Eu acho que... Bom, continuidade é uma palavra interessante. Eu acho que o responsável, mantendo os valores institucionais da Fundação Ford, atuação da Fundação Ford deve evoluir no Brasil junto com a evolução do país. Tem uma coisa muito interessante, eu lembro que estava presente quando... Acho que o primeiro... Nigel [Brooke] foi interessante, Nigel foi contratado, foi um importado quase brasileiro, um inglês que trabalhou a vida toda aqui e também a Sarah Costa a gente contratou que era outro inglês que trabalhava na Fiocruz, depois a Fundação Ford começou contratando Brasil com outros brasileiros para trabalhar. Eu perguntei uma vez, eu ainda acho isso, eu questionei, olha, numa instituição internacional... Eu entendo, porque houve uma fase neocolonialista da Fundação Ford, ela mandou as melhores cabeças formados em Harvard, Princeton, New Yale para resto do mundo para resolver problemas. Depois houve uma fase intermediária mais de parceria. Essa coisa de depois de contratar as pessoas realmente do país. Mas eu não sei se a próxima etapa deve ser aproveitar realmente do globo... É uma entidade que tem alcance global, de você ter perspectivas globais dentro de um mesmo escritório no Brasil. Não sei se o Brasil realmente... O Brasil está importando mão de obra qualificada agora, porque não tem nas altas esferas técnicas, por exemplo. Eu acho que da forma como está se desenvolvendo o mundo, o futuro pertence aqueles que sabem mobilizar recursos globais, e a Ford tem essa possibilidade. Eu não sei se na próxima edição do escritório no Brasil se deve pensar: por que não ter alguém da África ou da Ásia?

L.O. – Por sua vez o próprio Brasil hoje está se vendo com um papel cooperação internacional. Isso era uma coisa antigamente de... Do norte, agora estão interessados no assunto.

B.S. - Eu sei. A gente sabe, brasileiros trabalhando no exterior, chineses trabalhando na África, o mundo está diferente.

H.A. - Muito interessante que você estava falando de internet, a Nilcéa [Freire] comentou com a gente que agora existe uma vice-presidência de mídia. Mostra como realmente é um foco da Ford.

B.S. - A Ford entrou muito grande nessa área e está entrando muito forte na área que chama de *net neutrality* porque um grande problema... Nossa atenção como consumidor da internet está

fixado nos apps, googles, mas realmente tem muito perigo que infraestrutura da internet vai ser monopolizado por poucas firmas e o acesso vai ser limitado. Então a Ford tem uma linha muito forte de certa forma de acesso aberto. E eles trouxeram para o *board* agora o sir Tim Burton que foi quem inventou o world wide web.

H.A. - Ele está no *board*?

B.S. - Entrou no *board* da Ford. Acredito que Ford ela tem uma tradição intelectual bastante aberta e acho que isso vai continuar.

L.O. - Todas essas coisas que eu marquei estão preenchidas pelo que você falou, se você tiver mais alguma coisa a mais a dizer, se Helena tiver lembrada de alguma coisa a mais?

B.S. - Tinha uma coisa que eu queria falar. Se conta a história sempre pelos protagonistas e eu lembro quando a Dona Prescilla se aposentou da Fundação Ford. Eu já estava trabalhando em Nova Iorque, eu voltei para a festa de aposentadoria dela, e no cocktail estava conversando com d. Rima que era uma das outras secretárias que tinha se aposentado e Calan. Calan era o agente de viagens. A mesma firma que a Fundação Ford tinha usado durante épocas. E d. Rima e Calan estavam falando com saudades dos bons e velhos tempos. Rima foi a secretária que administrava o programa de bolsas, e Calan estava falando: “Eu lembro, Dona Rima, você ligando para mim, olha, a gente deu uma bolsa para fulano e nós soubemos que vai ser preso. Você tem como conseguir a passagem para ele até amanhã?”. Isso foi feito várias vezes, não só no Brasil, foi no Uruguai, foi no Chile, várias pessoas com essas bolsas, de certa forma foram salvas de serem presos políticos. E essas pessoas hoje em dia são deputados, são donos de empresa, tem até um caso presidente. Vários casos presidente. E nessa hora, ouvindo essa conversa, eu falei, realmente, seria muito interessante contar essa história do ponto de vista desse *staff* local, porque o papel deles foi formidável, realmente. Eles não foram para o exílio, ficaram ali auxiliando muitas pessoas, e teria sido impossível a Ford exercer esse papel se não tivesse sido a dedicação desse pessoal, e o orgulho que eles tinham.

H.A. - Sensibilidade.

B.S. – A sensibilidade. Foi realmente uma coisa impressionante. Isso acho que deve ser registrado.

H.A. - Obrigada.

L.O. - Obrigadíssima. Pode desligar?

H.A. - A Rima é viva?

B.S. - Olha, boa pergunta. Não sei, eu perdi contato com ela.

L.O. - Eu conheço de nome, mas não estou lembrando.

B.S. - Era interessante. Porque a mãe dela era uma antropóloga inglesa. Ela é uma...

[FIM DO DEPOIMENTO]